

ENTREVISTA

Identidade underground

Salvar no Facebook Curtir 54 Compartilhar Tweet G+ 0

PUBLICADO EM 19/02/17 03h00
CARLOS ANDREI SIQUARA

André Hernandez, editor

Um dos fundadores da Noir, editora que será inaugurada em março com a publicação das biografias do cantor Evaldo Braga e do quadrinista italiano Milo Manara, o entrevistado detalha a linha editorial do projeto concebido para contemplar artistas e autores com papéis diversos na cultura pop, mas que, às vezes, permanecem longe dos holofotes.



Você tem uma experiência com o mercado editorial de 15 anos. Como surgiu a ideia de criar a Noir?

No passado, o Renato Frigo, que tem um grupo muito bacana de quadrinhos no Facebook – talvez o maior do país hoje –, organizou um festival de quadrinhos em Limeira (SP). Eu fiz a identidade visual do evento e lá encontrei Gonçalo Junior (jornalista e escritor) e, depois, acabei dando uma carona para ele. No caminho, ele me contou que estava com um material na gaveta, mas não tinha encontrado ainda editor para publicar. Como eu gosto dele e de seu trabalho, aquilo ficou como uma sementinha que, aos poucos, foi germinando. Quando cheguei a São Paulo, procurei algumas pessoas ligadas à área editorial, e elas reforçaram uma percepção que eu estava tendo do mercado atual. Há pouco espaço para publicar no Brasil livros de autores nacionais que escrevem sobre assuntos contestadores, personagens marginais ou do universo underground. Eu, então, tive a ideia de criar uma editora com esse perfil, que contemple autores não só de histórias em quadrinhos, mas de biografias de personagens ligados ao cinema, à música. A linha editorial vai buscar publicar material que não tenha espaço nas livrarias hoje. Minha sensação é a de que a maioria das editoras publica a mesma coisa. Obras de autores consagrados, biografia de pessoas que têm um nome capaz de já garantir vendas. Eu estou tentando buscar um pouco do que falta na livraria do Brasil hoje e focar um público específico. O Gonçalo Junior é o primeiro autor que vamos publicar. Ele escreveu dois livros. Um sobre o cantor Evaldo Braga e outro sobre o desenhista Milo Manara, que devem sair numa tiragem de mil exemplares.

A seu ver, as editoras já consolidadas se arriscam pouco hoje, ao trazer a público novas obras?

Não só se arriscam pouco, como estão investindo pouco no talento dos autores brasileiros. Eu vejo muitas editoras que fazem edições lindas de obras com conteúdo em domínio público, mas que pouco valorizam as obras nacionais. Embora nós tenhamos muita gente boa aqui, com um material interessante, e nossa ideia é procurar esse nicho.

Vocês pretendem focar mais em biografias ou vão publicar também ficção?

A ideia é não fechar de modo algum a visão da editora. A gente vai começar com as biografias porque eram projetos que já estavam na agulha, mas não vamos fechar a linha só nesse tipo de material. Queremos também produzir livros históricos que abordem a trajetória dos quadrinhos, além da cultura popular como um todo. De repente, podemos pegar uma série e fazer um livro sobre algumas delas, como “Planeta dos Macacos”, “Arquivo X”. O formato também vai se adaptar ao que o autor propuser. Poderá ser uma biografia, uma história em quadrinhos ou um livro teórico com análises aprofundadas.

O que os leitores podem esperar da biografia de Evaldo Braga, escrita por Gonçalo Junior?

Esta será uma biografia clássica, no sentido de que percorre a história do personagem desde seu nascimento. A trajetória dele é muito interessante não só por seu trabalho artístico, mas em razão de sua própria vida como pessoa comum. O livro narra o fato de ele ter sido abandonado pela mãe e trata também de alguns mitos em torno disso. Traz algumas curiosidades sobre as músicas, o que levou a escrever determinadas canções e fala também da experiência que ele teve com o Chacrinha, alguém muito importante para a carreira dele. O livro acaba trazendo informações sobre outros cantores também, e mesmo que você nunca tenha ouvido alguma música de Evaldo Braga, o livro consegue chegar às pessoas que gostam de conhecer histórias de vida. Esse é um livro pelo qual fiquei apaixonado quando li o manuscrito.

Quando essas biografias devem sair?

Nós queremos que esses livros estejam impressos até o fim de março. Além desses, a ideia é ter mais dois, o que totaliza quatro títulos. Nós vamos trabalhar bastante para até o fim do ano termos dez livros disponíveis. Nós estamos focando esses dois primeiros, sobre o Manara e o Evaldo, mas temos também outro já adiantado sobre o quadrinista argentino José Salinas. Ele tem um traço maravilhoso e faz um dos quadrinhos mais refinados da Argentina. A gente também não quer deixar passar em branco o centenário de nascimento de Jack Kirby (1917-1994), que foi um dos cabeças da Marvel. Estamos também trabalhando com um projeto sobre Rodolfo Zalla, quadrinista que faleceu há pouco tempo. Esses são alguns que já estão bem encaminhados, em fase de estudo de capa e com um material já escrito, em processo de revisão para depois entrar em diagramação.

Que importância, a seu ver, tem essa proposta de dar um tratamento biográfico a autores como Rodolfo Zalla, que muitas pessoas podem ainda desconhecer?

O exemplo do Zalla é realmente adequado. Eu tive o prazer de conhecê-lo, e, além de um ser uma pessoa interessantíssima, ele deixou um legado que não tem preço, seja como roteirista, desenhista ou editor. Ele é uma dos grandes nomes do quadrinho de terror no Brasil, principalmente a partir da década de 70 e 80. Quem viveu nessa época, recorda do trabalho dele, mas várias pessoas não fazem ideia de quem ele é. Mas ele foi um cara que, de certa maneira, influenciou toda uma geração, e o legado dele não pode passar batido. A gente quer registrar isso para que não se perca e que daqui a dez, 15 anos as pessoas possam conhecer quem ele é. A primeira coisa mais importante é registrar o momento, tirar uma fotografia histórica da importância dele para a cultura popular brasileira e, em seguida, apresentar para as pessoas um profissional que tinha um talento incrível. A princípio, esses livros vão atender os leitores que já gostam de alguns assuntos, mas acho que, se a gente investir direito e conseguir mostrar para essas pessoas o quão interessante pode ser conhecer cada um desses personagens, outros leitores poderão ser atraídos, inclusive para saber um pouco mais sobre os diferentes contextos históricos. O livro sobre o Manara, por exemplo, vai trazer uma entrevista que o próprio Gonçalo fez com ele.

Um dos desafios após publicar uma obra é fazê-la circular no mercado brasileiro. Como vocês vêm pensando a questão da distribuição?

Eu posso dizer que distribuição é o que mata a maioria das editoras. Muitas vezes, o problema não é custo de produção, é mesmo a distribuição do livro. Nós não vamos trabalhar com tiragens muito grandes. Um tiragem alta pode baratear o custo do livro, mas traz outros problemas, como o armazenamento. Então, temos que tomar cuidado com os custos extras. Nós vamos trabalhar com livros sob demanda. Então, quando acabar uma tiragem, nós poderemos produzir outra. Não vamos fazer nada de impressão digital, todos os livros vão ter um acabamento bem bacana e vamos focar as vendas pela internet. Hoje temos a possibilidade de ter uma livraria dentro do próprio site e queremos fazer algumas parcerias com pequenas lojas.